

Relacionamentos e individuação na sociedade pós-moderna*

Relationships and Individuation in Postmodern Society

*Gustavo Monteiro Pessoa de Andrade***

*Flavia Arantes Hime****

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados de análises de crônicas publicadas entre 2007 e 2008 sobre relacionamentos contemporâneos e seu papel na individuação. Pôde-se pensar sobre as crônicas, como material continente de símbolos de impacto coletivo, novas questões relevantes para o estudo do relacionamento pós-moderno, ou atual, como compreendido pela Psicologia. Foi possível averiguar os desafios da escolha consciente, o lidar com pensamentos e sentimentos opostos e a polaridade liberdade-segurança como fundantes de diversas formas de estruturação da relação contemporânea em aspectos propulsores ou obstáculos para a síntese da personalidade ou individuação. Também foi verificada a necessidade de elaboração de uma comunidade de relações que sustente o desenvolvimento individual em sua vivência com o outro, em oposição à organização dual ou o processo de fusão comumente vistos no relacionamento amoroso baseado no amor romântico.

Palavras-chave: relacionamento; pós-modernidade; individuação.

Abstract

This paper presents the analysis results of chronicles published between 2007 and 2008 on contemporary relationships and their role in individuation.

* Elaborado a partir do trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia pela PUC/SP apresentado em 2008, *A Dois, A Três, A Quatro... Encontro e Individuação na Sociedade Pós-Moderna*, dos mesmos autores.

** Psicólogo graduado pela PUC/SP e aprimorando da Clínica Ana Maria Poppovic. gustavompessoa@uol.com.br

*** Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP, Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia do Desenvolvimento da Faculdade de Psicologia da PUC/SP, Psicodramatista pelo Instituto J. L. Moreno. flahime@uol.com.br

One may regard the chronicles, as material replete with symbols of collective impact, new issues relevant to the study of the post-modern relationship, or current, as understood by Psychology. It was possible to examine the challenges of conscious choice, or deal with opposing thoughts and feelings and the freedom-security polarity as foundations of various ways of structuring the contemporary relationship in aspects that facilitate or inhibit the synthesis of personality or individuation. We also observed the need to develop a community of relationships that supports individual development in their experience with others, as opposed to the dual organization or the fusion process commonly seen in the loving relationship based on romantic love.

Keywords: *relationship; postmodernity; individuation.*

O que cerca a angústia que hoje é vista no lidar com relacionamentos? Sejam cruéis episódios televisionados de homens que ameaçam suas parceiras ou ansiedades cotidianas que vivenciamos pelo fato simples de estarmos, todos nós, em relacionamentos. Mais ainda, o sociólogo italiano Domenico de Masi (2007, p. 92) afirmou, em artigo-crônica, que existe um traço comum a todos os povos que compartilham nosso mundo ocidental: a desorientação. Penna (2006) esclarece nosso momento histórico: "a pós-modernidade é considerada, em geral, como o tempo atual, no sentido de época, quase sinônimo de atualidade, sendo que alguns autores usam pós-modernidade e pós-moderno de modo intercambiável" (p. 15).

Relacionar-se no contexto pós-moderno é um desafio primeiramente encarado pela Sociologia e finalmente pela Psicologia. Os relacionamentos encontram, na sociedade contemporânea e pós-moderna, desafios e necessidades de transformação coerentes com a época em que se vive. Por constituírem um fenômeno inseparável e propiciador do desenvolvimento individual (Jung, 2007), é fundamental o seu estudo para maior entendimento das possibilidades de ser e estar em encontro com o outro na atualidade. Busca-se, portanto, neste trabalho, explorar os relacionamentos na pós-modernidade e seus conflitos a partir da análise de material literário contemporâneo: crônicas sobre o cotidiano dos relacionamentos publicadas nos anos de 2007 e 2008. Espera-se que tal estudo possa expandir a compreensão a cerca deste fenômeno.

Na perspectiva social, o relacionamento é compreendido como um fenômeno propício para se observar os movimentos e transformações daquilo que é coletivo, como apontam Bauman (2004), Maffesoli (2006) e Giddens (1993). Na Psicologia Analítica, contudo, após o trabalho pioneiro de Jung (2007), o encontro com o outro foi tratado fundamentalmente a partir do microcosmo analista-analisando, nas obras de Jacoby (1992), Stein (2000), Schwartz-Salant (2000) e Groesbeck (1983), que exploraram o tema a fim de compreender o significado e as peculiaridades dos relacionamentos que ocorrem dentro do *setting* analítico sob o nome de transferência. Jung (2007), entretanto, é claro: “a transferência é um fenômeno natural em si, que de modo algum se reproduz unicamente no consultório médico” (p. 85). O que se pretende, portanto, é analisar o relacionamento pós-moderno no mundo ocidental, tal como ele é vivenciado de maneira coletiva pelos indivíduos que compõe esta desorientada sociedade da qual fazemos parte.

TRIBALISMOS E PASTICHES

Maffesoli (2006), sociólogo francês, defende a reemergência de uma certa forma de encontro no mundo pós-moderno: “é preciso retomar o mecanismo de participação mágica: com os outros (tribalismo), com o mundo (magia) e com a natureza (ecologia)” (p. 16). O autor prossegue afirmando que não se pode mais reduzir o mundo ao indivíduo sozinho, já que tais interpretações estão saturadas e não mais dão conta de compreender nossa época. O relacionamento é um fenômeno social e coletivo, distante do funcionamento dual visto no amor romântico que predominou como forma de relacionamento moderno. Maffesoli ressalta que estes temas tornaram-se inescapáveis na contemporaneidade, o que nos obriga a refletir sobre a relação eu-outro na pós-modernidade. Considerando que o encontro também é indispensável para o movimento de integração da personalidade, segundo Jung (2007, p. 100), tanto mais importante se torna desvendar este novo “mecanismo de participação mágica” a partir de uma leitura psicológica.

A possibilidade de articulação entre a Psicologia Analítica e a pós-modernidade focalizada pela Sociologia é estudada por Penna (2006) e Hauke (2000). Penna (2006) procura mostrar que o pensamento junguiano é coerente com os pressupostos da pós-modernidade:

Jung, afinado com o espírito pós-moderno, reafirma o paradoxo e a contradição do ser humano, assim como a infinita complexidade, diversidade e incerteza que permeiam o conhecimento do inconsciente; mas sua psicologia está mais alinhada com uma visão integrativa e construtiva baseada na noção de uma totalidade implícita e na busca de compreensão do sentido e do significado para a existência individual e coletiva do que com o desconstrutivismo niilista em que prevalecem o vazio e a ausência de sentido (p. 22).

O paradigma junguiano nos diz que a compreensão do fenômeno não ocorre somente a partir de um modelo causalista-explicativo, mas afirma ser necessário também utilizar o parâmetro da finalidade e, se possível, da sincronicidade, o que se coloca muito mais no espectro da pós-modernidade em detrimento da modernidade clássica (Penna, 2003). Desta forma, é necessário que se olhe para as relações contemporâneas buscando pelo seu propósito, seu sentido e os acontecimentos cotidianos, coletivos e individuais, que orbitam ao redor do tema e constroem com este relações de significado. Assim, pode-se considerar que a Psicologia Analítica possui elementos em sua abordagem capazes de auxiliar na reflexão sobre o encontro pós-moderno em relação à explicação dada pela Sociologia.

Jung (2007) discorreu sobre os relacionamentos quando problematizou a transferência. A transferência na psicoterapia junguiana tem a função, segundo Jung, de aproximar os opostos para que haja uma integração de conteúdos e posterior reequilíbrio de um conflito (p. 51). É a aproximação do inconsciente em relação à consciência. Jung (2007) esclarece, retomando a relevância dos relacionamentos para o indivíduo, que:

A realização consciente da unificação interior é inseparável da relação humana, que é uma condição indispensável, pois sem o vínculo com o próximo, reconhecido e aceito conscientemente, a síntese da personalidade simplesmente não se faz (p. 100).

Estabelecer ligações e vínculos significativos com os outros é um passo inescapável no processo de síntese de personalidade também nomeado por Jung de individuação, o “tornar-se único” ou desenvolvimento da individualidade (2004, p. 49). Diante da importância do encontro para o desenvolvimento da personalidade, tornam-se relevantes as angústias que o fenômeno provoca na pós-modernidade. Bauman (2004) as transmite da seguinte maneira:

Por todos os motivos, a visão do relacionamento como uma transação comercial não é a cura para a insônia. (...) A solidão produz insegurança – mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode sentir-se tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade (p. 30).

A visão pós-moderna compreende o relacionamento como um acordo de interesses momentâneos, que produz insegurança quando a intenção era diminuí-la. Vê-se, assim, uma incoerência fundamental na busca por relacionamentos na contemporaneidade. Uma segunda possibilidade de atuação não-criativa na pós-modernidade que aponta para mais um desafio da época é explicitada por Gergen (1992). O autor relata o surgimento do “eu relacional” e da “personalidade pastiche”, fenômenos nos quais a existência individual submete-se à relação com o outro. A personalidade torna-se pastiche, isto é, um aglomerado de pequenos pedaços derivados de momentos com os outros, privada de autenticidade, como uma grande colcha de retalhos sem um fio original que a conduza. O perigo da personalidade pastiche reside na perda da noção do ser e no comprometimento da individualidade, segundo o autor. O estado de fusão e indiscriminação da consciência com os outros é usado para se esquivar da necessidade de construção de sólidas propostas de ética e moral necessárias para suportar as incertezas e possibilidades do relacionamento pós-moderno, o que não contribui para o processo de desenvolvimento como fora proposto por Jung (2004).

Os obstáculos encontrados para construção das relações pós-modernas são muitos. Sobre um certo tipo de interação urbana, Bauman (2004, p. 119) critica: “os lares de muitas áreas urbanas do mundo agora

existem para proteger seus habitantes, não para integrar as pessoas a suas comunidades.” O tipo de função de isolamento através da clara discriminação do território parece condizer com uma sociedade patriarcal, na qual se identifica uma finalidade da separação e proibição, em contrapartida à possibilidade de se erigirem padrões de moral e ética suficientes para a integração dos indivíduos e comunidades.

O estabelecimento de fronteiras claras da comunidade, argumenta Bauman (2003), é o solo fértil aonde a identidade moderna nasce. A discriminação atua de forma a propiciar o desenvolvimento quando propulsiona o surgimento da individualidade, o que pode ocorrer a partir das definições sobre onde começa o eu e onde começa o outro. O processo de identidade, contudo, reage defensivamente para fomentar a exclusão: comunidades se agrupam por identidade com o objetivo de afirmar *quem não faz parte*, diz o autor (2004, p. 30). É a tentativa da comunidade moderna de reter a segurança perdida na pós-modernidade, como apontado por Hauke (2000).

O processo de individuação não ocorre de forma linear, no qual o indivíduo é apenas agraciado com formas melhores e mais adequadas de ver e viver o mundo. Kast (2007) é categórica quando diz que “é um mito acreditar que a individuação diz respeito apenas a ganhar; no processo de individuação, você ganha e você perde.” Moraes (2000) já ressalta que

em tempos de mudanças rápidas como hoje, é preciso especial senso crítico. Diante de qualquer padrão cultural dominante, a pessoa que não quiser ver sua individualidade tragada pelo coletivo deve colocar-se a mesma questão crítica presente no mito do Graal: “a que serve tal padrão?” (p. 19).

Maffesoli (2006) aponta dimensões criativas possíveis nas especificidades do relacionamento pós-moderno em sua experiência comunitária. O sociólogo relata que existe

alguma coisa que, a partir de um enraizamento específico, integra uma relação cósmica. De encontro ao universalismo abstrato típico das filosofias modernas, o tribalismo utiliza um processo complexo feito de participações mágicas, de interações múltiplas, de harmonia com as pessoas e as coisas. É isto que torna a época tão atraente! (p. 19).

Em sua caracterização do relacionamento pós-moderno (“tribalismo”), o autor confirma a hipótese de que, em se relacionando, o engendramento de inúmeros fatores, eu e outros, faz com que ocorra o desvelamento de um potencial que tange à espiritualidade e ao desenvolvimento. Em outras palavras, o relacionamento revela possibilidades da individuação se puder ocorrer de forma criativa, mostrando àqueles que nele se envolvem um sem número de novas perspectivas de ser, possibilitando a integração possível entre conteúdos conscientes e inconscientes, o que também é, segundo Jung (2004, p. 114), meta do processo de individuação.

O DESENVOLVIMENTO DA RELAÇÃO NA CONSCIÊNCIA COLETIVA

Byington (1987) elabora uma teoria de ciclos arquetípicos estruturando o desenvolvimento humano através dos arquétipos da grande mãe, análogo ao dinamismo matriarcal, e do pai, análogo ao dinamismo patriarcal. Em seguida, o autor descreve os dinamismos de alteridade e totalidade. Whitmont (1991) afirma ser possível pensar o desenvolvimento do indivíduo como análogo ao desenvolvimento da humanidade (p. 57). Pode-se supor, portanto, que a consciência coletiva também experimenta os ciclos propostos por Byington. Fernandes (2001) conclui em sua pesquisa que o momento atual é uma transição do dinamismo patriarcal em direção ao ciclo da alteridade (p. 83).

O dinamismo matriarcal, que respaldou uma sociedade fundada no matriarcado até pouco antes do nascer de Cristo, baseava-se em um estado de fusão e uma vivência de temporalidade contínua. Não há discriminação quando a psique funciona nesta dimensão. A natureza e aquilo que acontece organicamente com o ser humano são tomados literalmente como expressão dos deuses e do destino. No relacionamento, ocorre um estado de fusão visto em manifestações de apaixonamento.

As sociedades patriarcais que se estabelecem a partir da idade de bronze iniciam a exclusão do feminino no papel da criação. Uma vez polarizada, a dinâmica masculino-feminino hierarquiza os dois elementos, tornando o primeiro superior. O homem está identificado com o princípio

masculino, e é aquele que detém o poder. É seu sêmen o responsável pela fecundação, e a mulher torna-se apenas um receptáculo que guarda a criança até o momento de seu nascimento. O papel masculino preponderante na criação é ilustrado por Lins (2007), quando a autora explica que “para a civilização judaico-cristã, Adão é criado por um Deus masculino. Javé tira uma de suas costelas, enquanto Adão dorme profundamente, e fecha cuidadosamente o lugar com carne. Eva, então, é moldada a partir dessa costela” (p. 36). Lins (2007, p. 36) prossegue explicando que o mito transforma a mulher em duas vezes submissa: ela foi criada pelo deus masculino a partir do masculino criado à imagem e semelhança daquele deus. A primeira mulher é, nesta sociedade patriarcal, devedora de sua vida ao seu pai divino e ao seu marido mortal. As características então valorizadas pela sociedade são refletidas em um deus que expressa a razão suprema e a espiritualidade a partir de um ponto de vista apenas masculino.

A mentalidade dominante nesta época, é claro, também aplicava-se aos relacionamentos. Um exemplo característico dos relacionamentos desta fase na qual o imperativo da racionalidade e do mecanicismo operaram são os casamentos arranjados, para que se pudesse suprir necessidades sociais, econômicas, políticas e religiosas. É notável que, aparentemente de maneira compensatória, tenham surgido obras literárias de destaque fundadas no estado de fusão do dinamismo matriarcal, como o “Romeu e Julieta” de Shakespeare.

A nova ascensão do que é afeto, amor e intuição nos relacionamentos em nossa época já é um traço da pós-modernidade, na qual o relacionamento pode integrar a si outras funções e qualidades humanas, deixando de simplesmente se subjuguar aos interesses racionalmente estabelecidos da modernidade. Esta maneira de integrar que evita a exclusão, criando um espaço de continência para coexistência tanto da razão – supervalorizada pelo patriarcado – quanto do afeto joga luz sobre a característica fundamental da alteridade: a capacidade de entrar em uma relação eminentemente dialética e consciente em que os conteúdos possam ser valorizados e relativizados ao mesmo tempo, promovendo uma articulação que leve à promoção da vivência consciente das relações.

COTIDIANO E FANTASIA

O lingüista Massaud Moisés (1995) define a crônica como:

Ambígua, duma ambigüidade irreduzível, de onde extrai seus defeitos e qualidades, a crônica move-se entre ser no e para o jornal, uma vez que se destina, inicial e precipuamente, a ser lida na folha diária ou na revista. Difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano seu húmus permanente, não visa à mera informação: o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia-a-dia pela universalização de suas virtualidades latentes, objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício. O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia (p. 104).

Nesta definição se encontra amparo para afirmar que a crônica, portanto, versa sobre conteúdos da consciência e do inconsciente – coletivos. Como “poeta do cotidiano”, o cronista fala sobre o que é visível e o que é invisível, discorrendo em linhas lógicas e irracionais na mesma medida. O conteúdo transcende o dia-a-dia prático, tornando-se fundamentalmente humano e subjetivo.

Tratando de relacionamentos em uma coletividade, Kepp (2008), em crônica publicada na Folha de S. Paulo, sentencia: “brasileiros comemoram para criar um sentimento de comunidade.” Ao trazer à tona o tema da comunidade, o cronista continua seu texto e demonstra, numa compreensão psicológica, os traços de pós-modernidade que se apresentam, relativos às comemorações brasileiras. O autor discorre:

No Brasil, a inclusiva passagem de ano reúne ricos e pobres nas praias para ver os fogos. Depois do show do ano passado, eu e minha mulher fomos atraídos a um dos quiosques, onde casais dançavam ao som das marchinhas de uma banda. No quiosque, onde pedi uma cerveja, o barman recusou meus reais e disse que era uma festa particular. Mas, em vez de nos excluir, ele nos serviu saideiras sem fim, o que nos manteve dançando até de madrugada.

Pode-se perceber ligações com o tom esperançoso de Maffesoli (2006) e o relato de uma experiência real deste autor, americano radicado no Brasil há 25 anos, quando se fala em “em vez de nos excluir.” Se por uma

festa privada compreendemos nossa automática exclusão quando não fomos convidados, o modo de celebrar e comemorar do brasileiro relatado acima joga luz sobre um novo modelo: uma forma pela qual o grupo, fortificado por sua experiência coletiva e alegria compartilhada, se torna poderoso o suficiente para subsidiar o bem-estar de novos indivíduos. Neste sentido, bem como diz Maffesoli, a atitude inclusiva e a solidariedade “fortificam o conjunto da vida.”

O tema da comemoração e da inclusão alude ao funcionamento de comunidade já citado, esboçado por Bauman (2003, p. 134), segundo o qual apenas uma comunidade de ajuda e cuidado mútuo, tecida em conjunto, poderá se sustentar autenticamente e cumprir sua função na pós-modernidade. Embora aparecendo em apenas uma cena, este tipo de entrelaçamento comunitário citado pelo cronista transforma a citação de Bauman; não mais falamos em “se vier a existir” mas podemos afirmar sobre “quando existiu” e, portanto, na possibilidade de existir novamente. Isto porque, no momento em que Kepp (2008) nos fala sobre uma festa que reúne ricos e pobres em praias do país, nos colocamos diante de uma situação em que a realidade não é reprimida ou desconhecida: falamos em ricos e pobres. Contudo, argumentamos ao mesmo tempo sobre uma reunião capaz de acolher diferentes indivíduos numa experiência comum e fundamental da humanidade: a comemoração. Mais ainda, o autor nos fala sobre uma situação específica em que “em vez de” exclusão, o tecido da comunidade age com sua força no sentido da inclusão, o que dá base àqueles envolvidos para que, embora não façam parte de uma certa festa particular, possam ter aquilo de que precisam para continuar sua própria comemoração. Os motivos pessoais não são esquecidos ou negados, mas contemplados dentro de uma dinâmica que torna o universo relacional fluido e capaz de dar sustentação a uma grande quantidade de desejos, ao mesmo tempo em que uma raiz comum (a comemoração) faz daquele grupo uma comunidade com propriedade. Neste sentido, podemos ver atuante numa comunidade um impulso rumo à individuação, quando a trama relacional possibilita a vida para todos. Kepp (2008) exemplifica: “os

blocos de rua do carnaval são igualmente contagiosos, transformando os paradões em foliões.” Está posto o sentido transformador do entrelaçamento da comunidade em direção à individuação.

É claro que se torna necessário parar diante da palavra “contagioso” e refletir sobre o quanto o impulso do grupo, a *communitas* de Schwartz-Salant (2000, p. 15), não age de modo a transformar, como já discutido, o processo de individualidade em um processo de identidade. Salienta-se não ter sido isto o ocorrido na situação do cronista, uma vez que ele mesmo e sua esposa dançaram *sua própria dança* amparados pela comunidade. Contudo, o risco do contágio apresenta-se nesta crônica como um desafio encontrado na comemoração e na vivência do grupo, o que se alicerça no funcionamento através do qual ainda experimentamos o mundo na maior parte do tempo. O vaivém do autor entre pós-modernidade e modernidade, portanto, nos diz sobre como a possibilidade de alteridade e consideração das diferenças se coloca ainda frágil diante de uma consciência coletiva de funcionamento patriarcal, isto é, centrada em hierarquias, tradições e grupos de indivíduos bem divididos e categorizados por normas sociais reacionárias. É, afinal, apenas sobre bases patriarcais que o modelo da alteridade foi observado neste texto. A perda do eu na identidade coletiva já fora anteriormente apontada por Gergen (1992) como o fenômeno da personalidade pastiche e também figura como perigo segundo Jung (2007, p. 50) e Neumann (1991, p. 82) como possibilidades de atuação defensiva, prejudicando o desenvolvimento da personalidade e do eu.

De Paula (2008), lançando luz sobre a experiência obtida em um passeio por uma feira livre, aponta em sua crônica: “mas parece haver algo errado em uma sociedade em que as pessoas sequer pisam nas calçadas diante dos prédios em que moram. E que se afastam cada vez mais do que acontece além das guaritas e duplas grades de seus condomínios.” Neste momento, De Paula nos remete diretamente a Bauman (2004, p. 119), quando este afirmou que os lares construídos para unir agora nos servem para proteger. Esta dura crítica à contemporaneidade ecoa no cronista, que identifica algo fora do lugar. É talvez no olho deste furacão, quer dizer, espremido entre uma sociedade patriarcal dominante que se assegura através de limites territoriais claros e uma angústia que aponta para o

reencontrar-se, que possamos enfim apontar para alteridade nos relacionamentos. O cronista sente a necessidade de uma reconexão e do contato com os outros. A experiência de uma simples feira livre desperta no indivíduo a consciência de que algo não é o que deveria ser; ou, talvez, algo precise ser mudado porque simplesmente não funciona mais. Parece ter sido esta a mesma intuição tida por Domenico De Masi ao sublinhar a desorientação presente em todo o planeta. De Paula (2008) finaliza sua crônica contando com um sentimento de gratidão obtido pelo entrar em relacionamento, ainda que não de forma direta, e afirma ter sido transformado e poder ter enxergado outras coisas. O cronista encerra seu texto afirmando o poder transformador do contato com o outro:

sinto também um sabor de gratidão pelo esforço anônimo de tantas pessoas que contribuíram para que eu pudesse encontrar tudo isso numa simples caminhada matinal e enxergar um pouco de lirismo e, vá lá, ingenuidade, no cotidiano de uma cidade que não seria a mesma sem os seus pastéis e suas feiras.

DESAFIOS DO RELACIONAMENTO NOSSO DE CADA DIA

O cotidiano fantasiado da crônica também delinea para nós aquilo que se coloca como o desafio de uma consciência que aspira à pós-modernidade. Leão (2008) escreveu uma crônica que intitulou “questão de escolha,” e sem nenhuma outra explicação já diz de uma das grandes questões (senão a maior delas) que atravessam a estrada do pós-moderno. A narração nos fala de duas amigas que se reencontram após muito tempo sem se ver, e um turbilhão de desejos e anseios são lançados – uma quer a outra, uma quer sentir e saber da vida da outra. Em seu primeiro lance pós-moderno, a cronista admite: “a outra ficou com uma certa inveja, mas sabendo, bem dentro dela, que não teria coragem para fazer a mesma coisa.” A admissão da inveja e o tecido de sentimentos sombrios ora negados por uma moralidade conservadora, ora reprimidos pela impossibilidade do eu de lidar com a questão, é notável. É da alteridade a convivência dos opostos. Neste sentido, a inveja ganha destaque por anteceder este comentário: “foi um encontro mágico e já deixaram marcado um almoço para aquela semana.

Ambas chegaram quinze minutos antes da hora, tal a vontade de se reverem e botar as notícias em dia.” A convivência do desejo e da inveja nos mostra que, vez ou outra, pisamos na alteridade e na pós-modernidade. Não é necessário, portanto, negar, reprimir e defender o tempo todo. A consciência alcança, neste relato, pôde vivenciar novas possibilidades. O feliz e o infeliz convivem. A autora prossegue em sua crônica, narrando:

Embalada pelo segundo copo de vinho, a casada se abre e diz que o marido não precisava ser tão previsível. Ah, como gostaria que um dia ele aparecesse com um brilho diferente nos olhos – fosse de desejo, admiração ou ódio –, um brilho que significasse alguma vibração. É disso que ela sente falta; só disso, de mais nada.

O esforço da cronista se segue para relatar a dor e ansiedade de viver aquilo que é típico do pós-moderno, e faz parte de sua crônica: a escolha. Viver e conviver com o outro significa, em última instância, fala a cronista, escolher. Experimentar uma vida de aventuras mágicas, inserida muito mais no funcionamento do matriarcado, ou optar pela segurança de um casamento bem estruturado e nitidamente balizado por uma cultura patriarcal predominante se constituem, afinal, como uma questão de escolha.

A realidade de uma convivência pós-moderna traz uma nota amarga para os indivíduos. Como afirma a cronista ao iniciar, no título, e ao encerrar seu texto, a questão de escolha não é fácil para o eu. Como apontado por Kast (2007), a individuação não se trata de um processo de premiação contínua pelo desenvolvimento do indivíduo. A escolha traz esta característica de modo retumbante, obrigando a cronista a se deparar, em uma separação nitidamente patriarcal, com o fato de que suas duas personagens tiveram vantagens e desvantagens, alegrias e tristezas, enfim, conseqüências, por terem escolhido a vida que viveram. O relacionamento bem discriminado e aceito foi aquele que trouxe consigo o tédio e a previsibilidade, ao mesmo tempo que a segurança, o que proporcionalmente reduziu a liberdade. A vida da amiga viajante de muitas paixões lhe trouxe animação, aventura e liberdade, e pouca segurança, raízes ou legado. Bauman (2004) já afirmara anteriormente que o relacionamento havia se tornado um conflito de segurança *versus* liberdade. Neste ponto, torna-se relevante para a psicologia

compreender que a dinâmica do relacionamento apontado pela autora levanta este conflito, mas aponta para um espaço aberto no qual isto possa ser efetivamente vivido. A capacidade de enxergar perdas e ganhos, escolher e viver a sua escolha assim como a sua consequência, nos diz de um novo funcionamento, ainda que intercalado pelos períodos de lamentação nos quais a cronista repete “mas algumas coisas a irritam” e outros “mas;” “como gostaria que ele um dia...;” entre outros verbos conjugados no futuro do pretérito, que nos mostram que a vivência da alteridade não é plena, trazendo grande desejo do eu que as coisas por vezes fossem diferentes e o eu pudesse ter tudo, simbolicamente remetendo-nos às saudades do paraíso de Deus, no qual o homem imortal não era privado de nada (Jacoby, 2007). A capacidade de suportar a sua escolha todo o tempo parece algo ainda não alcançado pelo eu pós-moderno, o que também tem impacto na sua vivência relacional.

A questão ética referente às relações se coloca na forma do relacionar-se exposta por Kanitz (2008). O cronista propõe uma lógica na qual o amor e a lealdade estão atrelados a um relacionamento saudável e de confiança, estabelecendo parâmetros para que uma relação se desenvolva. Ao mesmo tempo, contraditoriamente, o autor afirma que justamente quem cumpre estes parâmetros leva uma “punhalada pelas costas.” O cronista conclui, sobre uma quebra de promessa feita a um filho por um pai atribulado com compromissos profissionais:

Se acha que ninguém o ama ou que não é amado o suficiente, talvez isso ocorra porque você não tem sido leal com as pessoas a quem ama. Achar que elas serão sempre compreensivas e razoáveis é seguramente o caminho para o desastre. Seus filhos acreditarão em você na próxima vez que lhes fizer uma promessa? Eles aprenderão o significado da palavra lealdade? Seu chefe vai esquecê-lo totalmente um mês depois de você se aposentar, bem como os seus colegas de trabalho. Os únicos que jamais vão esquecê-lo são seus filhos, pela sua lealdade ou pelas pequenas decepções e infidelidades cometidas por você ao longo da vida. (p. 22)

Kanitz (2008) propõe um questionamento de ordem moral para os relacionamentos. O autor afirma que seus filhos lembrarão de você por aquilo que você fez de moralmente correto, segundo a previamente

estabelecida ética dos relacionamentos, ou por aquilo que você fez de incorreto. O que é possível notar neste trecho da crônica é que, independentemente das razões e do conteúdo desta “moral” e do questionamento ético que foi levantado, a crônica, como representação da consciência coletiva, aponta para uma preocupação que não se fazia presente na modernidade. Na lógica do patriarcado, a sociedade, as leis e as regras são estabelecidas de modo a sustentar um sistema amplo e bem discriminado, no qual cada um sabe quem é, e por isso cada um se interessa em preservar o que é seu. No momento em que se estabelece o “ser leal a quem mais amo” ou qualquer outra forma de questionamento que envolva o princípio do amor e o princípio da razão conjugados – *eros* e *logos* – está se navegando em outros mares. O relacionamento desloca-se de sua posição de satisfação garantida e bálsamo contra os pesares da vida, como apontado por Bauman (2004), e transforma-se em algo pertencente à categoria das coisas com fenomenologia própria, nas quais seu tom afetivo e seu código de ética se desenvolvem concomitantemente. Neste sentido, o relacionamento torna-se uma proposta viável para a hipótese de Schwartz-Salant (2000), para quem o impulso de forjar sólidas relações além do contexto familiar é aquele que pode ajudar para que nos nivelemos todos como irmãos. É no encontro da lealdade com o amor que resgatamos a velha situação de que “eu posso falar mal do meu irmão, mas você não,” capaz de mover o relacionamento para fora de moldes rígidos e em um caminho que talvez responda mais às necessidades atuais do que a dinâmica relacional que privilegia ou o sentimento, ou regras de conduta. Com esta proposição, elevando a condição fraterna, lançamos o caminho para que um relacionamento gerador de questões e completo em sua ética e afeto possa, também, trazer algo protetor ao seu rol de características. É o tecido de comunidade que protege o indivíduo, o qual faz parte dela, embora não vá impedi-lo de ser o que ele é, já que também se trata de uma vivência que expande e transcende.

Calligaris (2007), em uma crônica sobre as diferenças e o amor na diferença, versa sobre as possibilidades do amor autêntico embasar-se justamente na presença de um outro inteiro que precisa ser considerado para construir uma relação duradoura. O autor é claro ao usar o termo

“alteridade” como a possibilidade da convivência entre opostos em uma relação difícil mas possível. O cronista levanta a questão do amor romântico desta maneira:

No modelo Romeu e Julieta, a felicidade que os amantes teriam conhecido, se tivessem podido se juntar, é uma hipótese indiscutível. O destino adverso que separou os amantes (ou os juntou na morte) perderia seu valor trágico se perguntássemos: será que Romeu e Julieta continuariam se amando com afinco se, um dia, conseguissem deitar-se juntos sem que Romeu tivesse que escalar a casa de Julieta até o famoso balcão? Ou se, em vez de enfrentar a oposição letal de suas ascendências, eles passassem os domingos em espantosos churrascos de família?

Estando novamente no terreno do amor e do *eros*, o autor propõe a reflexão do amor como um evento em que seres parciais tornam-se o “um total” ao se vincularem e se relacionarem. Contudo, o questionamento da crônica evoca a temporalidade que constitui a relação de escolha e consequência presente na alteridade. “Teria aquele apaixonamento absoluto resistido ao tempo e à vida com os outros?” é a pergunta do autor. A fundamentação desta pergunta reside no fato de que, fundindo-se como um único eu, Romeu e Julieta jamais teriam que vivenciar e partilhar o encontro com o outro, já que não há outro nesta vivência total proporcionada pela paixão. Entretanto, diante das consequências do tempo e do encontro com outros, como a família, os amigos e os colegas de trabalho, o amor romântico encontraria novas dificuldades. E, neste caso, poderia ainda colocar a responsabilidade pela sua falência, caso ela ocorresse, nos outros. É o que o cronista nomeia como evento quando “a união esbarra num obstáculo intransponível.” Quando o amor romântico funde e considera dois indivíduos como incompletos e permite que “se percam um no outro,” podemos lançar a hipótese de uma vivência simbiótica, fundida e ameaçada pelo pastiche da personalidade. As tentativas de fusão no amor romântico são atravessadas diretamente pelo patriarcado quando o eu formado pelos apaixonados discrimina os outros e o destino como obstáculos à paixão, e vive-se defensivamente na medida em que se proporciona a manutenção de um estado estanque para os indivíduos: o amor Romeu e Julieta lança os envolvidos numa experiência de totalidade e conforto

absolutos simbolicamente semelhante ao paraíso, como explanado por Jacoby (2007). Na discriminação dos outros-inimigos, o mecanismo de projeção das dificuldades do relacionamento sobre os outros é usado para atender à manutenção do relacionamento total e não permitir a reflexão que transforme o eu comum do casal em dois indivíduos completos e distintos.

Em oposição a este tipo de funcionamento, Calligaris (2007) aponta o casal Calvin e Alice, extraído do livro “Sobre Alice,” de Calvin Trillin. O autor afirma que:

O segredo é o seguinte: Calvin e Alice, as personagens das crônicas, não eram artifícios literários, eram os próprios. A oposição entre os dois foi, efetivamente, o jeito especial que eles inventaram para conviver e prolongar o amor na convivência. Considere esta citação de um texto anterior, que aparece no começo de “Sobre Alice”: “Minha mulher, Alice, tem a estranha propensão de limitar nossa família a três refeições por dia”. A graça está no fato de que a “propensão” de Alice não é extravagante, mas é contemplada por Calvin como se fosse um hábito exótico. Alice é situada e mantida numa alteridade rigorosa, em que é impossível distinguir qualidades e defeitos: Calvin a ama e admira como a gente contempla, fascinado, uma espécie desconhecida num documentário do Discovery Channel.

Se amo e admiro o outro por ele ser diferente de mim (e não apesar de ele ser diferente de mim), não posso considerar que minha maneira de ser seja a única certa. Se Calvin acha extraordinário que Alice acredite na virtude de três refeições diárias, ele pode continuar petiscando o dia todo, mas seu hábito lhe parecerá, no fundo, tão estranho quanto o de Alice. Com isso, Calvin e Alice transformaram sua vida de casal numa aventura fascinante: a aventura de sempre descobrir o outro, cuja diferença inesperada nos dá, de brinde, a certeza de que nossa obstinada maneira de ser, nossos jeitos e nossa neurose não precisam ser uma norma universal, nem mesmo a norma do casal. Há quem diga que o parceiro ideal é aquele que nos faz rir. Trillin completou a fórmula: Alice era quem conseguia fazê-lo rir dele mesmo. Com isso, ele descobriu a receita do amor que dura.

No que propõe Calligaris (2007), a experiência da alteridade produz, portanto, a quebra daquilo que é “uma norma universal” para o eu. Esta experiência prontifica o eu a aceitar que existem outros, não apenas indivíduos, mas outras leis, outros funcionamentos, outras vidas e outras possibilidades de ser que extrapolam a sua condição presente, mesmo que habitem o passado ou o futuro.

A “aventura fascinante” do relacionamento ameniza as dificuldades na medida em que a alteridade possibilita que elas sejam relativizadas: o outro é diferente, tal como o eu é diferente, em relação a todos os outros. Se não existe certo ou errado absoluto, as dores e prazeres trazidos pela dificuldade e a conseqüência da escolha não pesam mais na amplitude moral ou ética do relacionamento. Contudo, pode se formar a necessidade de uma ética constituída no viver do relacionamento eu-outro. A ética é local. O sentimento e o sofrimento são alocados na esfera afetiva do relacionamento, intimamente entrecruzada com a ética do respeito e da lealdade, que permitem ver a diferença como “fascinante.” O relacionar-se ocorre levando em consideração *eros* e *logos*, fascinando-se com a diferença, aprendendo os limites éticos da convivência no próprio conviver, e dispondo-se a abertura para o afeto. Como apontado pelo próprio cronista, contudo, este modo de ser e viver no mundo é um desafio à própria neurose de uma sociedade patriarcal em estabelecer uma lei geral do funcionamento do mundo. A “norma universal,” que ironicamente habita apenas no eu, precisa ser transcendida, o que aponta para um desenvolvimento do eu *a priori* da vivência do dinamismo da alteridade nos relacionamentos, embora este mesmo desenvolvimento também pareça ocorrer concomitantemente à vivência do universo relacional.

DISCUSSÕES POSSÍVEIS

O eu na presença do outro se transforma, se expande, é provocado por questões que, logicamente, o lançam na insegurança de um novo horizonte. Como apontado por Jung (2007) e Groesbeck (1983), o relacionamento faz com que haja uma movimentação em opostos que conjugam um terceiro fator a fim de transcender o momento vivido em direção à expansão da consciência. Viu-se como a vivência e a convivência promovem este fenômeno, especialmente em Kepp (2008), De Paula (2008), Leão (2008) e Calligaris (2007).

O encontro com os outros não se trata de algo de baixa densidade. Uma vez que se constitui como momento de peso na vida do eu, o encontro transformador apresenta o desafio da massificação. Neste sentido, o perigo

do eu na vivência pós-moderna é tornar-se a personalidade pastiche de Gergen (1992). Neste tipo de experiência, o eu se perde na relação, ou se fundindo com o outro ou se segregando dele, a fim de evitar um contato dialético e profundo, no qual haja troca e, fatalmente, transformação e desenvolvimento.

Como apontado por Bauman (2004), o desafio é realmente difícil, porque um mundo globalizado e conectado demanda do eu que receba as dificuldades e adversidades e realize por si próprio a devida relativização e apropriação dos conteúdos que lhe caibam. A maturidade do eu precisa ser aquela que permita suportar a insegurança surgida a partir do fim do contrato “para a vida toda” sugerido pelo costume do casamento e do amor romântico estruturados num período histórico que já não mais responde às ansiedades atuais. Ao contrário, são requeridas agora uma reestruturação e apropriação constantes em relação aos novos conteúdos e novos relacionamentos que se apresentam mais facilmente. Este desafio e esta insegurança são trabalhados por Kepp (2008), Kanitz (2008) e Calligaris (2007).

Maffesoli (2006) afirmou que o impulso de comunidade ressurgido na pós-modernidade é capaz de trabalhar a favor da individuação, “fortificando o conjunto da vida” (p. 60). Como visto em Kepp (2008), Leão (2008) e De Paula (2008), a possibilidade pós-moderna é a de extensão e expansão do vínculo para além das dinâmicas familiares, gerando uma rede de relacionamentos sólidos que apóiam os indivíduos que a compõe. Os indivíduos que se encontram são obrigados a estabelecer uma ética própria em função dos relacionamentos que vivem, e o impulso para a relação se sustenta tanto devido aos motivos afetivos quanto às regulamentações éticas que surgem no relacionamento. Desta maneira, surge um equilíbrio entre amor e razão em que o primeiro faz uma função mantenedora da relação na mesma medida em que a razão delimita o relacionamento para que funcione de acordo com os limites e possibilidades de todos os envolvidos.

A trama de relações pós-modernas na alteridade não trata mais do dilema *eu e você* versus *eu ou você*. Agora, lidamos com a questão do *eu e vocês* e do *eu e você e vocês*. A vivência plural do relacionamento, que fortifica uma rede para escapar do amor romântico e sustentar um novo funcionamento, também poderá dar suporte para o eu em um momento

de necessidade ou angústia. Entretanto, ela também provocará a questão que se coloca diante do fim do contrato de casamento patriarcal: é necessário hierarquizar, discernir e excluir aqueles que não participam do encontro a dois, ou é possível conviver entre todos? O relacionamento toca no dinamismo da alteridade, por assimilar uma nova aproximação de opostos e considerar dois ou mais inteiros que se relacionam e provocam novas questões e perspectivas no outro. A questão se responde ao se notar que, mesmo relacionando-se entre todos, a alteridade pressupõe que não ignoremos as diferenças entre os relacionamentos que emergem naquele grupo, tribo ou comunidade. Desta forma, os relacionamentos interagem como numa situação em que, diante da briga com o parceiro romântico de seu relacionamento amoroso, vive-se a possibilidade de recorrer a um amigo para compartilhar a sua experiência. Se houver o momento no qual este amigo necessitar de ajuda e não puder recorrer a você, é no universo relacional sólido da comunidade que ele poderá compartilhar a sua própria angústia com um outro indivíduo, trazendo a perspectiva da individuação para o âmbito relacional, promovendo o desenvolvimento a partir de toda a rede, ao invés de suas partes agirem apenas como forças autônomas. A comunidade é capaz de sustentar o indivíduo na medida em que o indivíduo é capaz de responsabilizar-se por ela e também sustentá-la. Esta experiência dialética se torna possível uma vez que se viva concomitantemente a dimensão ética e a dimensão afetiva do relacionamento, as quais visam à continuidade dos relacionamentos e, portanto, o processo de individuação.

Uma segunda adversidade se coloca diante do relacionamento pós-moderno: a questão da escolha. O relacionamento *eu e você e vocês* não implica viver tudo e viver com todos, e um fenômeno com ética própria e forte vinculação exige que se respeite o compromisso em termos diferentes de uma regulamentação social e coletiva. O comprometimento não é mais com a sociedade, mas com os indivíduos e a comunidade. Para tanto, o eu necessita ser capaz de escolher e suportar as conseqüências de sua escolha, as quais limitarão e definirão também a suas relações e seu espaço no mundo, o que exige ainda uma vivência de temporalidade contínua, porém bem discriminada, entre passado, presente e futuro. Esta dificuldade é ilustrada em Leão (2008) e Kanitz (2008), nos quais a tomada de decisão

provoca a consciência de que existirá uma conseqüência com aspectos positivos e negativos em relação aos desejos do eu. A conseqüência, localizada logicamente no presente e no futuro, demanda do eu a vivência de uma temporalidade integral.

Como apontado por Calligaris (2007) em sua crônica, a inteireza do eu em saber de si e poder observar o outro como fascinante é uma perspectiva que torna a alteridade possível. Por causa disso, parece ser também necessário um desenvolvimento do eu *a priori* para que ele possa acolher no relacionamento o outro inteiro, que possui suas próprias necessidades e suas características únicas. Deste modo, na mesma medida em que relacionar-se é um aspecto da individuação, é necessário que haja um desenvolvimento do eu voltado para si mesmo, possibilitando que no encontro seja possível vivenciar o outro de forma igualmente profunda e distinta. Todavia, a questão surgida aqui é considerar a individuação como um processo único, no qual as dimensões da solidão e do encontro são vividas concomitantemente. Concorre também a hipótese de que o relacionar-se pode provocar o desenvolvimento do eu *a posteriori* em sua solidão, apontando para os relacionamentos como capazes de iniciar um movimento de desenvolvimento do eu voltado para si. De qualquer modo, não cabe ao relacionamento mitigar a solidão do indivíduo, mas questioná-la.

Finalmente, afirma-se que, embora possam ter sido observadas vivências do relacionamento na alteridade, a série de desafios, questões e necessidades de desenvolvimento do eu para suportar tais vivências aponta para um período no qual a consciência coletiva ainda inicia sua experiência de alteridade. Contudo, não se trata aqui de julgar o eu demasiadamente inserido em um patriarcado rígido para conseguir suportar a alteridade por muito tempo. Ao contrário, o que pôde ser visto nas crônicas e no material histórico e sociológico observado é que a alteridade necessita de uma trama relacional muito mais ampla do que pode ser intuído à primeira vista. Nesta trama, parecem ser os relacionamentos não-familiares em que o impulso de relacionar-se será aquele capaz de prover o subsídio suficiente para que o eu se sustente em uma ética e afeto construídos a partir do encontro autêntico com o outro, o que aponta para uma nova valorização de modalidades de relacionamento como aqueles de vizinhança e a amizade. Como apontado

por Maffesoli (2006, p. 60), os sinais de que estes grupos se estruturam já estão sendo dados e observados na forma das “tribos” e na importância da amizade no relacionar-se contemporâneo. Bauman (2003, p. 134) e Schwartz-Salant (2000, p. 33) identificaram que, na presença de uma comunidade que apóie indivíduos inteiros, é possível viabilizar uma nova forma de relacionar-se que abarque com mais sucesso as necessidades do eu contemporâneo.

Em última instância, cabe a ressalva de Calligaris (2007) que, em se tendo um eu devidamente pronto para esta vivência, é a atitude de fascinação, abertura e contemplação diante da diferença que possibilitará o vínculo autêntico e posto à serviço da individuação. Talvez em nenhum outro momento da história, Jung (2007, p. 147) tenha feito tanto sentido: se há um problema com o indivíduo, há um problema comigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Byington, C. A. B. (1987) *Desenvolvimento da Personalidade*. São Paulo: Ática.
- Bauman, Z. (2004) *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Zahar.
- (2003) *Comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Calligaris, C. (2007) O segredo da vida de casal. *Caderno Ilustrada*, s/n, Folha de S. Paulo, n. 28.673, ano 87, São Paulo: Folha da Tarde.
- De Paula, C. (2008) Pastel de feira. *Revista Vida Simples*, p. 74, ed. 64, São Paulo: Abril.
- De Masi, D. (2007) Por que o mundo está tão desorientado. *Revista Época*, p. 92, Ed. 485, São Paulo: Globo.
- Fernandes, F. F. (2001) *O Relacionamento Homem-Mulher: uma visão da psicologia analítica*. Monografia. (Trabalho de Conclusão de Curso), PUC/SP.
- Gergen, K. J. (1992) *El Yo Saturado: dilemas de identidad en el mundo contemporáneo*. Barcelona: Paidós.
- Groesbeck, C. J., (1983) *A imagem arquetípica do médico ferido*. Revista Junguiana, nº 1, p. 45-67, São Paulo: Paulus.

- Hauke, C. (2000) *Jung and the postmodern: the interpretation of realities*. Londres: Routledge Taylor & Francis Group.
- Jacoby, M. (2007) *Saudades do Paraíso: perspectivas psicológicas de um arquétipo*. São Paulo: Paulus.
- Jung, C. G. (2007) *Ab-reação, análise dos sonhos, transferência*. Petrópolis: Vozes.
- (2004) *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes.
- (2000) *Civilização em Transição*. Petrópolis: Vozes.
- Kanitz, S. (2007) Amor e Lealdade. *Revista Veja*, p. 22, ed. 2053, ano 41, n. 12, São Paulo: Abril.
- Kast, V. (2007) *Jung e Criatividade*. Palestra apresentada no Intensive Summer Program do Jung Institut Zurich, Zurique, Suíça.
- Kepp, M. (2008) Comemorar o quê? *Caderno Equilíbrio*, s/n, Folha de S. Paulo, n. 28.883, ano 88, São Paulo: Folha da Tarde.
- Lins, R. N. (2007) *A Cama na Varanda*. São Paulo: Best Seller.
- Leão, D. (2008) Questão de Escolha. *Revista Cláudia*, p. 28, n. 558, São Paulo: Abril.
- Maffesoli, M. (2006) *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Moraes, N. M. (2000) *Fica comigo para o café da manhã*. São Paulo: Olho d'Água.
- Penna, E. M. D. (2006) *Jung e a pós-modernidade*. *Junguiana* v. 24, São Paulo: Paulus.
- (2003) *Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), São Paulo: PUC/SP.
- Schwartz-Salant, N., e Stein, M. (Org.). (2000) *Transferência/Contra-transferência*, São Paulo: Cultrix.